

A serviço do *underground*: a Fly Kintal Zine e suas características enquanto veículo de divulgação da música extrema brasileira¹

Vinicius Maciel Braga²
Faculdade Metropolitana de Manaus - Fametro

RESUMO

O trabalho busca analisar os principais pontos característicos da Fly Kintal Zine, publicação independente de origem manauara dedicada a divulgação do cenário *underground* da música extrema brasileira, explorando suas nuances enquanto um *fanzine* musical e evidenciando seu caráter informativo mesmo sem fazer parte do jornalismo institucionalizado e regulamentado.

PALAVRAS-CHAVE: *fanzines*; música extrema; *underground*; comunicação; jornalismo musical.

INTRODUÇÃO

Na década de 1990 o Brasil já era considerado um celeiro da música extrema mundial. Bandas como Sepultura e Ratos de Porão ajudaram a inserir o país no mapa do *heavy metal* e do *hardcore punk* de forma definitiva, arrebatando um número maior de aficionados e curiosos por todos os tipos de sonoridades ruidosas e agressivas produzidas no hemisfério Sul. Enquanto isso, artistas de todas as regiões brasileiras formaram vários grupos de maneira simultânea, fomentando um cenário *underground* que fervilhava com novos álbuns e informações advindas de muitos lugares.

Um dos principais braços de divulgação de bandas, lançamentos e shows eram os *fanzines*, ou simplesmente *zines*, publicações confeccionadas de forma autônoma com o intuito de informar os leitores sobre variados temas relacionados ao universo do subterrâneo musical. Muitos veículos desse mesmo estilo, ainda que não estivessem sob a égide do jornalismo regulamentado, seguiam (e ainda seguem) uma estrutura semelhante às revistas da chamada “mídia especializada”, contendo entrevistas, resenhas acerca de álbuns e exposições de *flyers* de eventos previstos para ocorrer em distintas cidades e regiões.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Folkcomunicação, Mídia, Cultura Popular e Cultura Underground, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Jornalismo da Fametro. E-mail: viniciusgepehm@gmail.com

Em Manaus esse processo não foi diferente, principalmente no que diz respeito a produções literárias independentes voltadas à música extrema. Em 1995, o manauara Sérgio Bezerra de Figueiredo trouxe ao mundo a primeira edição da chamada Fly Kintal Zine, reunindo informações sobre bandas e eventos de todo o Brasil. O objeto deste trabalho é explanar sobre as características principais que norteiam a publicação, sobretudo no que diz respeito aos editoriais, às resenhas e entrevistas nela contidas.

A RELAÇÃO ENTRE OS ZINES E O CENÁRIO DE MÚSICA EXTREMA

Pode-se considerar o *underground* como um espaço cultural marginalizado, dotado de maneiras autônomas de gestão e expressão cultural. Gabriela Gelain (2013) o define como uma maneira do indivíduo se opor a tudo que está encaixado dentro de padrões estéticos e comportamentais impostos diariamente pela sociedade.

Transitar em um espaço “subterrâneo” (ou *underground*) pode ser uma forma de resistência do indivíduo ao convencional, uma forma de contestar ou, simplesmente, uma possibilidade de criação e exposição da própria prática social de um indivíduo (GELAIN, 2013, p. 33).

No campo artístico, o *underground* se define como uma oposição ao chamado *mainstream* (“fluxo principal”), tratando-se de um universo onde bandas e artistas são ignorados pela grande indústria, tendo a circulação de suas obras limitada a um seletivo grupo de consumidores. Para Jeder Janotti Jr & Jorge Cardoso Filho,

Um produto *underground* é quase sempre definido como “obra autêntica”, “longe do esquemão”, “produto não-comercial”. Sua circulação está associada a pequenos fanzines, divulgação alternativa, gravadoras independentes etc. e o agenciamento plástico das canções seguem princípios diferentes dos padrões do *mainstream* (JANOTTI JR & CARDOSO FILHO, 2006, p. 09).

O conceito de “música extrema” pode ser interpretado como um emaranhado de vertentes musicais que têm como base o *heavy metal* (*black metal*, *death metal*, *thrash metal*) e o *punk rock* (*hardcore*, *grindcore*, *noisecore*). As temáticas líricas variam de acordo com a proposta de cada banda e/ou artista. Para Rodrigo Barchi (2021), a nomenclatura pode se referir também a sonoridades que voltam-se contra o *establishment* imposto pela indústria musical, sendo esta responsável por utilizar-se de questões

estéticas surgidas com os gêneros considerados matrizes para as demais vertentes supracitadas.

As vertentes mais rápidas e agressivas do metal (...) e do punk (...), mais do que serem ramificações e/ou subestilos de uma sonoridade rock, a qual devem sempre se considerar tributárias, são muito mais dissidências e rupturas constantes com aquilo que foi, em algum determinado momento, tido como revolucionário, e por diversas questões, acabou sendo cooptado pelo mercado fonográfico e pela indústria cultural. (BARCHI. 2021, p. 20)

Mas afinal, qual é o papel que os *fanzines* assumem nesse submundo permeado por ruídos violentos e inconformados? Para responder a esse questionamento, é necessário ressaltar a ligação das publicações independentes com os primórdios do movimento *punk*, sendo estas responsáveis por colaborar com a disseminação dos ideais defendidos pelos grupos *punks* seguindo a lógica do *do it yourself*, ou “faça você mesmo”. Os *zines* também foram responsáveis pelo surgimento da chamada “mídia especializada” de *heavy metal* no Brasil, dando origem a revistas como Rock Brigade e Roadie Crew.

O Brasil foi um dos países pioneiros na produção midiática metálica, com a revista Rock Brigade. A publicação começou como um *fanzine*, em 1982, e evoluiu até converter-se na “bíblia” dos *headbangers* nacionais, em 1985, quando ganhou status de revista. Gradualmente passou a ter a companhia de outras publicações, incluindo as já falecidas, Rock Hard, Metalhead e Valhalla, e as ainda ativas Roadie Crew e Comando Rock. (DHEIN, 2012, p. 123)

Algumas características presentes nestes veículos de comunicação foram explorados de forma livre por Sérgio Figueiredo nas edições da Fly Kintal Zine, que por sua vez, acabaram ganhando força dentro do cenário *underground* brasileiro devido às suas similaridades com os principais veículos dedicados à música extrema no Brasil.

O INÍCIO DA FLY KINTAL ZINE

Tudo começou em 18 de outubro de 1995, quando Sérgio Bezerra de Figueiredo, amazonense natural de Manaus, lançou a primeira edição em folha A4 dobrada ao meio contendo *flyers* de vários eventos ocorridos ao redor do Brasil. Sendo um participante do cenário *underground* da época, Figueiredo correspondia-se com outros agentes ativos da

música extrema brasileira através de cartas. A circulação dos cartazes acontecia por meio dos Correios.



Figura 1: Capa da primeira edição da Fly Kintal Zine (18/10/1995). Fonte: acervo do editor

A partir da sétima edição, datada de 1996, a publicação passa a ter todas as características de um veículo especializado, contendo um pequeno editorial e algumas entrevistas com bandas de renome nacional. A partir desse fato, as similaridades comunicacionais entre os distintos meios de informação se tornam evidentes, promovendo uma transição quanto ao conteúdo do *fanzine*.

A ESTRUTURA DA PUBLICAÇÃO

A Fly Kintal Zine é dividida em colunas específicas que possuem como eixo temático central a divulgação de bandas independentes e seus respectivos lançamentos através de entrevistas e resenhas de álbuns. Entretanto, cada edição do *fanzine* inicia-se com um editorial, onde as opiniões expressas pelo idealizador da publicação são feitas de maneira livre e despojada. No Jornalismo, os editoriais reforçam a linha política e ideológica dos mantenedores de determinado veículo.

O editorial passa a ser um elemento do jornalismo opinativo, um gênero, um produto da discursividade. Produz interatividade e tem uma intencionalidade na sua produção textual. Pode-se se dizer que o editorial é a voz da editoria do jornal, demonstra as ideologias presentes no âmbito jornalístico de determinada empresa. (ROCHA, 2013, p. 08)

Outro ponto chave que determina a função informativa da Fly Kintal Zine são as entrevistas. As perguntas direcionadas por Figueiredo às diversas bandas envolvem, principalmente, os trabalhos produzidos pelas mesmas. Os questionamentos são ordenados sob um aspecto cronológico, partindo da breve história de fundação, até o momento no qual a entrevista se passa. O processo de elaboração das perguntas resulta em diálogos orgânicos. Segundo Cremilda Medina (2008), “o entrevistador deve investir, de imediato, na própria personalidade a fim de saber atuar numa inter-relação criadora”.



Figura 2: Entrevista com a banda MX publicada na sétima edição da Fly Kintal Zine (1996). Fonte: acervo do editor.

Por fim, as resenhas de álbuns ocupam um grande espaço dentre as páginas do *fanzine*. As críticas são feitas de forma sintetizada, levando aos leitores apontamentos diretos acerca de cada obra. Para o jornalista Daniel Piza (2011), a resenha ideal “deve ser em si uma ‘peça cultural’, um texto que traga novidade e reflexão para o leitor, que seja prazeroso ler por sua argúcia, humor e/ou beleza” (PIZA, 2011, p. 71). Isso mostra que, apesar das atividades concentrarem-se sob o espectro da mídia, a crítica musical não se restringe apenas a esse universo e acaba por ultrapassar a linha tênue entre a produção independente e a produção regulamentada.

Tornam-se notáveis as semelhanças estruturais entre a Fly Kintal Zine e os veículos especializados em música extrema, sobretudo os impressos em formato de revista, a partir das leituras comparativas entre ambas as modalidades. No entanto, vale ressaltar que, devido ao seu caráter não regulamentado, a circulação do *fanzine* se restringe entre o cenário independente, ou como também é conhecido, o subterrâneo musical. Dessa forma, a publicação acaba fornecendo aos amantes das vertentes musicais enraizadas no *metal* e no *punk* as informações necessárias sobre as novidades que envolvem o referido contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo dos apontamentos feitos no decorrer deste resumo expandido, é possível enxergar a Fly Kintal Zine como uma ferramenta de informação elaborada de maneira artesanal e dedicada a artistas e demais envolvidos com a música extrema brasileira. Suas semelhanças com as revistas especializadas em *rock* e *heavy metal* devem-se à popularização do jornalismo voltado a esses gêneros musicais entre as décadas de 1980 e 1990 no Brasil, mantendo vivo o interesse por essa modalidade artística e preservando a subcultura por meio do ato de fazer uma publicação independente.

O estudo sobre o *fanzine* oferece amplas oportunidades que serão aproveitadas em trabalhos posteriores, visando uma leitura expandida acerca da publicação ao entender como são informadas as produções artísticas brasileiras de música extrema, rompendo com padrões oficiais e expandindo a comunicação musical de forma alternativa e democrática.

REFERÊNCIAS

BARCHI, Rodrigo. Apresentação. In: **Diálogos com a música extrema** [recurso eletrônico] / Rodrigo Barchi (org.) – Porto Alegre, Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://www.editorafi.org/167musica>. Acesso em: 18 mar, 2025.

DHEIN, Gustavo. **A besta que se recusa a morrer**: identidade, mídia, consumo e resistência na subcultura heavy metal. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

GELAIN, Gabriela Cleveston. **Consumo de mídia e subcultura zineira**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

JANOTTI JR, Jeder & CARDOSO FILHO, Jorge. A música popular massiva, o *mainstream* e o *underground*: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília, Anais [...], UnB, Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1409-1.pdf>. Acesso em 21 mar, 2025.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ROCHA, Sandra Regina Aguiar. A Construção dos sentidos no Gênero Editorial dos Jornais Impressos. In: **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2013, Manaus, Anais [...], FMF, Manaus, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2013/resumos/R34-0429-1.pdf>. Acesso em 20 mar, 2025.